

FOTOS: TONY WINSTON

Tese de mestrado desmitifica a Feira do Rolo de Ceilândia

Sociólogo mostra que espaço é, acima de tudo, patrimônio cultural da cidade

RAY CUNHA

A tese de mestrado "Feira do Rolo: Na pedagogia da malandragem, memória e representações sociais no espaço urbano de Ceilândia", que o sociólogo Breitner Tavares, 30 anos, defendeu, em fevereiro, na Universidade de Brasília (UnB), desmitifica a "feira do roubo" e legitima o mais fundamental patrimônio cultural da cidade ainda nordestina.

A Feira do Rolo, localizada na QNM 15, é, para os ceilandenses, sobretudo os pioneiros, como os shoppings para os moradores do Plano Piloto. Mas enquanto para estes os

shoppings são catedrais pós-modernas, a Feira do Rolo é, para aqueles, o ponto de encontro, o clube de convivência da cidade.

Em 1975, Ivaldo Pereira da Silva, 50 anos, natural de Paulo Afonso (BA), já morava em Ceilândia. Era uma época na qual a população da cidade enfrentava duas estações: lama e poeira. O pior, porém, é que os pioneiros da cidade, oriundos da Vila IAPI, ou Morro do Urubu, era gente pobre e muitos deles dormiam pensando sobre o que comeriam no dia seguinte.

Naquela manhã de domingo, Ivaldo não tinha o que

apresentar à família, na hora do almoço. Pensou um pouco e viu que a única coisa que tinha, que poderia ser rapidamente vendida, pela grande utilidade e pelo valor relativamente barato, era o botijão de gás. Pegou-o e rumou para a Feira do Rolo, que funcionava, naquela época, na Feira de Ceilândia, no centro da cidade, e era conhecida também como Feira do Pau Pelado, porque havia um toco de árvore no local.

Vendeu o botijão e comprou feijão, toucinho, arroz e farinha. De volta à casa, a comida foi cozinhada a lenha e todos comeram. Alimentado,

Ivaldo pôde pensar melhor em uma solução para o jantar. Mas desde então, como se estivesse se dirigindo ao templo, Ivaldo não perde uma Feira do Rolo, que só acontece aos domingos.

Passou a juntar do lixo material aproveitável para vender e trocar na feira. "A feira existe por necessidade da população e também como ponto de encontro", explica Ivaldo, que, hoje, aposentado pelo INSS, pai de sete filhos, juntamente com Valda Maria de Macedo, ajuda no policiamento comunitário e limpeza da feira, transitando, entre velhos amigos, perfeitamente à vontade.



Feira do Rolo ainda enfrenta estigma de abrigar troca de arma